



Trabalhos Científicos

Título: Como Está A Qualidade Alimentar Nas Nossas Crianças Pré-Escolares?

Autores: CAMILA CASTRO DE OLIVEIRA (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO); ANA LUÍSA VITA RICCI (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO); IZILDA DAS EIRAS TÂMEGA (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO)

Resumo: Introdução: Na infância, a alimentação adequada é fundamental para garantir o desenvolvimento e crescimento normais. Nesse estágio, há maior vulnerabilidade a distúrbios nutricionais, sendo um dos fatores determinantes a baixa renda, pois determina a quantidade, qualidade e disponibilidade dos alimentos. Objetivo: Avaliar e comparar a qualidade alimentar de 100 pré-escolares acompanhados em unidades de atendimento pediátrico, em diferentes níveis socioeconômicos. Métodos: Foram selecionados 100 participantes com idade de 2 a 6 anos, de ambos os sexos, sem discriminação de cor e classe social, em bom estado geral de saúde, acompanhados em unidades de atendimento pediátrico. Aplicaram-se questionários, respondidos pelos acompanhantes, para classificação do nível socioeconômico e um de frequência alimentar. Para análise estatística utilizou-se: análise de variância de Friedman, teste de Mann-Whitney e de correlação de Kendall. Resultados: Analisaram-se 100 crianças, sendo 37 das classes sociais A e B e 63 das classes C e D. Observou-se que, independente do nível socioeconômico, havia um maior consumo de água, cereais, leite, leguminosas, frutas e vegetais; e menor consumo de peixe, fast-food, sobremesa doce e alimentos integrais. Notou-se diferença significativa ($p < 0,05$) quanto ao consumo de carne branca, queijo e refrigerante, com consumo maior nas classes A e B. Houve diferença sugestiva ($p > 0,05$) em relação ao uso de ovos e hábito de acrescentar açúcar e/ou sal, mais frequentes nas classes C e D. Conclusão: Os resultados refletem a cultura alimentar brasileira, com maior consumo de cereais, leguminosas e leite. A desigualdade de ingestão de determinados itens entre os grupos pode ser justificada pelo custo elevado, falta de hábito, facilidade no preparo e falta de informações sobre nutrição saudável. Diante disso, observa-se a importância do profissional de saúde, principalmente o pediatra, em atentar-se à realidade socioeconômica durante a orientação dietética infantil.